

ANEXO 3 - Tema 2018:

LO BIANCO, Ana Carolina; COSTA-MOURA, Fernanda; SOLBERG, M. Cytrym. A Psicanálise e as narrativas modernas: a transmissão em questão. Rio de Janeiro, vl.22, n.2, p.17 – 25, 2010.

A psicanálise e as narrativas modernas – a transmissão em questão

Anna Carolina Lo Bianco*

Fernanda Costa-Moura**

Marisa Cytryn Solberg***

Num escrito de 1933, Benjamin descreve como os combatentes da guerra de 1914-18 tinham voltado silenciosos dos campos de batalha, “mais pobres em experiências comunicáveis” ([1933] 1996: 115). Uma geração que ainda fora à escola em bondes puxados a cavalo viu-se de repente sem referências e onfrontada a um novo campo de forças esmagadoras, cujas correntes explosivas depuseram as referências simbólicas que até então organizavam o mundo e produziram uma nova forma de miséria. Uma miséria que não era fruto apenas da corrosão dos meios pela inflação, nem da degradação do corpo pela fome e sim do progresso e desenvolvimento da técnica.

Tal miséria, sobreposta ao homem, distingue a “nova barbárie” de que fala Benjamin ([1933] 1996:115). Barbárie positiva, pois nos obriga a começar de novo e partir de pouco, mas ainda assim barbárie, pois prenuncia o momento em que a ciência não vem apenas instrumentalizar a cultura, mas a sobrepuja – tomando seu lugar na ordenação do laço social.

Poucos anos mais tarde, em *O narrador*, Benjamin ([1936] 1996) evoca a perda da experiência compartilhada (*Erfahrung*). Situa essa perda em sua relação com o declínio da narrativa, da arte de contar, que acompanhava e garantia a continuidade da experiência comum que se transmitia de pai para filho. É importante observar, entretanto, que esta tese não implica, para Benjamin, nenhuma nostalgia. Recusando decididamente qualquer concepção teleológica da história, o autor afasta-se da visão progressista da marcha humana e visa justamente às possibilidades de ruptura, de desvio da inércia imposta por esta marcha.

É neste contexto que ele se interessa pela questão da mudança na estrutura da experiência na modernidade e faz desta mudança o tema central de sua obra. Ao refletir sobre o declínio da experiência e da narrativa, distingue as condições de possibilidade do advento do sujeito histórico para tentar localizar seu lugar novo na transmissão.

Segundo o artigo de 1936, a narrativa valorizava a palavra do pai que, ao ser escutada pelo filho, dava ensejo à transmissão da tradição e da experiência. Assim, não se tratava apenas de passar conteúdos, mas de estabelecer uma cadeia que marcava lugares. Isto é, uma continuidade que não se dava tanto num eixo vertical da geração antiga para a mais nova, mas no plano horizontal, já que ocorria pela posição ocupada pelo filho frente à palavra do pai, para o qual a experiência seria transmitida e compartilhada.

O filho que ouvia a palavra do pai “incorporava as coisas narradas em sua experiência” (Benjamin, [1936] 1996: 201), e diríamos que ele tinha interesse em conservar o que lhe era narrado. A narrativa, então, não consistia numa explicação sobre determinado tema, mas concernia, antes, à assimilação do que era ouvido às próprias experiências daquele que ouvia; tratando do que só seria passado “de boca em boca”, (Benjamin, [1936] 1996: 198), de um a um. Com a modernidade, mostra Benjamin, o “dom de ouvir” desaparece, assim como não encontramos mais a “comunidade dos ouvintes” (Benjamin, [1936] 1996: 205).

Nessa cadeia de transmissão surge, portanto, uma inflexão ou uma interrupção, uma vez que a narrativa do pai não é mais ouvida, o que evoca ainda a experiência empobrecida pela “guerra das trincheiras”: aquela em que “as forças impessoais e todo-poderosas da técnica”, como ressalta Gagnebin (2004: 59), substituem as lutas que atravessam e se dão no corpo e com o corpo. Benjamin relaciona o declínio da narrativa ao fato de que, ao voltar para casa, os homens não podiam referir-se aos seus atos durante a guerra.

Não há o que contar e, mais importante, não há o que ouvir de uma guerra de metralhadoras e bombardeios aéreos. (...) Essa condição exemplar, mencionada inúmeras vezes por Benjamin para dar conta do declínio da narrativa, vem se acrescentar à substituição das

ocupações artesanais pelo fazer técnico, que avança rapidamente e serve de obstáculo a um ofício que se realiza na esfera do coletivo.

Gagnebin (2004, 2006) chama atenção, ainda, para o que denomina a “problemática do desaparecimento dos rastros” (Gagnebin, 2004: 58), ou do apagamento dos rastros que acompanha o declínio da narrativa. Problemática crucial, se consideramos que é com os rastros que se forja uma tradição. Os rastros são restos, pontos que caem do que é narrado, a partir dos quais se constitui a tradição apoiando-se nos fragmentos do que é contado. Uma vez mais não se trata de uma transmissão linear, da comunicação de conteúdos, mas de uma operação que vai se fazer em torno desse ponto que resta (ponto que não se completa na direção esperada), ponto que é apenas vestígio (Lo Bianco & Araujo, 2007).

No conto evocado por Benjamin ([1933] 1996), em que o pai moribundo indica aos filhos que há um campo que contém enterrado nele um tesouro – sucedendo que os filhos cavam e mexem na terra sem encontrar o tesouro, ao passo que a terra se torna fértil e produz a melhor colheita –, observa-se que a herança é uma operação realizada pelos filhos a partir de um ponto residual, não positivo, transmitido pelo pai.

É a partir desse ponto ínfimo e resistente à significação, que, no entanto, é conservado, resguardado e respeitado pelo filho, para além do seu próprio saber, que este se insere na cadeia de transmissão e faz seguir a tradição. Assim, o declínio da narrativa corresponde a um ponto da tradição que se rompe, que se esgarça e cria obstáculo à transmissão, constituindo deste modo um lugar – Freud ([1900] 1996: 321) diria “uma outra cena” – em que a experiência passa a ser valorizada pelo que ela guarda de singular, de idiossincrático e privado. Não estamos mais no terreno da *Erfahrung*, da experiência que como matéria de transmissão é sempre compartilhável e transmissível, e sim da *Erlebnis*, a “vivência” – “experiência interior” (Gagnebin, 2006: 59) que toma o lugar da experiência na cultura e remete ao vivido por cada um.

É este o momento em que a narrativa será substituída pela comunicação, pela informação jornalística, plausível e verificável. Momento a partir do qual se pode falar de “número de mortos” em lugar de falar de uma batalha em particular, com seus pequenos e grandes heróis, seus pequenos e grandes feitos. Como dirá mais tarde Chico Buarque, “a dor da gente não sai no jornal”.

Benjamin ([1936] 1996) reconhece aí o surgimento do romance clássico, que toma a vida do personagem central para se interrogar sobre o seu sentido ou sobre o sem-sentido de sua experiência individual. Não se trata mais do que se ouve, mas do que se lê na esfera do impresso. O romance é a narrativa do eu, história de um indivíduo isolado, ao contrário daquela do narrador, que falava exemplarmente de suas experiências.(...)

Com a modernidade, portanto, a narrativa passa a ser centrada no eu. Nesta passagem, o fio narrativo que tecia a trama da experiência compartilhada fica reduzido a uma função ilustrativa.(...)

Ora, esta nova relação com a palavra, decorrente da queda em derrisão da sabedoria tradicional e franqueada pelo desenvolvimento da ciência – “a mais emancipada que jamais existiu”, segundo Benjamin ([1936] 1996: 169) –, é a própria condição – ineliminável – do sujeito moderno. Rearticular a função constitutiva da narrativa no campo do sujeito não significa, portanto, promover um resgate – impossível e doravante inútil – de sua feição tradicional, mas, antes, implica uma tarefa incessante e fragmentária. A tarefa de fazer falar um passado imemorial que, apesar de não se manifestar mais como experiência, não deixa de se fazer ouvir.

É nesse ponto que podemos situar a invenção da análise como forma de dar lugar não a um resgate como tal do passado, mas ao sujeito que, ejetado da História, “sofre de reminiscências”. Não encontrando o seu lugar já indicado (como seria na experiência compartilhada), trata-se de construir o seu lugar. No romance ou no conto, como vimos, isso se realiza pela busca incessante de sentido que suporta as vicissitudes das experiências de um eu que não encontra mais amparo na experiência comum. Com a análise, por outro lado, frente ao que se coloca como fracasso em ocupar ou em investir um lugar, inaugura-se uma *práxis* que concerne ao sujeito e não mais ao eu individual.

O interessante é que esta *práxis* – a psicanálise – restitui de certa forma algumas características da narrativa tradicional. Não apenas porque a análise se centra sobre uma narrativa oral (Meschonnic, 2007; Castro & Lo Bianco, no prelo), mas, sobretudo, porque esta fala não se ordena exclusivamente pelo sentido positivo e, assim como a narrativa antiga, não constitui um discurso explicativo. Por outro lado, se a psicanálise conserva algumas características da narrativa, ela não restaura simplesmente a narrativa como considerada anteriormente, até porque suas condições de possibilidade não existem mais. O que importa

justamente é como, dadas as novas condições, a psicanálise se demarca do romance e da informação que surgem no mesmo tempo de declínio da narrativa, tal como considerada por Benjamin.

Referências

- Benjamin, W. (1935-1936/1996). A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: Benjamin, W. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Benjamin, W. (1936/1996). O narrador. Em Benjamin, W. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Benjamin, W. (1953/1996). Experiência e pobreza. In: Benjamin, W. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Castro, J. de M. & Lo Bianco, A. C. (no prelo). A disciplina de leitura: ritmo e oralidade na voz do texto. *Psicologia & Sociedade*.
- Costa-Moura, F. (2005). Adolescência: efeitos da ciência no campo do sujeito. *Revista Psicologia Clínica*, 17(2), 87-98.
- Freud, S. (1900/1996). La interpretación de los sueños. *Obras completas*, v. IV. Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1909/1996). La novela familiar de los neuroticos. *Obras completas*, v. IX. Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1917/1996). De la historia de una neurosis infantil. *Obras completas*, v. XVII. Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1939/1996). El hombre Moisés y la religión monoteísta. *Obras completas*, v. XXIII. Buenos Aires: Amorrortu.
- Gagnebin, J. M. (2004). *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva.
- Gagnebin, J. M. (2006). *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34.
- Lacan, J. (1953/1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1957/1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1964/1985). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1965-1966). *L'objet de la psychanalyse*. Seminário inédito.
- Lacan, J. (1967-1968). *L'acte psychanalytique*. Seminário inédito.
- Lo Bianco, A. C. & Araujo, A. V. (2007). Fragmentos: a construção do histórico em Freud. *Revista do Departamento de Psicologia*, 19, 359-368.
- Lo Bianco, A. C. (2002). A cena real construída no Homem dos lobos. *Estilos da Clínica (USP)*, 12, 146-155.
- Meschonnic, H. (2007). *La poética como crítica del sentido*. Buenos Aires: Mármol Izquierdo Editores.